

Lição de crônica: *Um certo olhar* de Fátima Bettencourt sobre o mundo caboverdiano

Simone Caputo Gomes

Sobre Fátima Bettencourt. *Um certo olhar*.

Praia: Instituto da Biblioteca Nacional-Direção do Livro, 2001.

“A crônica, portanto, é uma *tenda* de cigano enquanto consciência da nossa transitoriedade; no entanto é *casa*—e bem sólida até—quando reunida em livro, onde se percebe com maior nitidez a busca de coerência no traçado da vida, a fim de torná-la mais gratificante e, somente assim, mais perene.” Os ecos das palavras saudosas de Jorge de Sá, um dos mais assíduos estudiosos da crônica no Brasil, resumem a impressão que nos causa, de início, *Um certo olhar* de Fátima Bettencourt. Professora, jornalista, locutora, produtora, apresentadora de programas radiofônicos, contista (*Semear em pó*. Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1994), Fátima, natural de Santo Antão (1938), vem reunir sua colaboração regular na imprensa, de 1992 a 1997, na coletânea de crônicas que ora apresentamos.

Sabemos que o jornal e a revista conferem à cronista a missão de colocar a vida no exíguo espaço da narrativa curta; a crônica herda do periódico a precariedade e a efemeridade. Ao eternizar suas crônicas em livro, a autora seleciona textos, atribui-lhes uma seqüência cronológica e temática capaz de mostrar ao leitor um mosaico antes fragmentado nas páginas dos periódicos. A construção dos tipos (retratos) e a focalização dos acontecimentos compõem o painel de um tempo (Cronos) e de uma sociedade. Assim a “tenda” se torna “casa.”

Reunindo em volume suas crônicas publicadas em alguns dos principais periódicos de Cabo Verde, como *A Semana*, *Novo Jornal de Cabo Verde*, *Horizonte* (jornais), *Artiletra* e *Cultura* (revistas), Fátima Bettencourt vai resgatar o valor sociológico da crônica na construção do painel da sociedade crioula dos anos noventa, dando relevo ao pitoresco, ao acidental, ao banal, ao aparentemente irrisório do seu cotidiano. Na simplicidade reside a beleza da sua crônica.

“Afinal o que me inspira é o nosso cotidiano de vivências simples e não os momentos de solene intimismo em que, sòzinha, olhando a folha em branco, lucubro que nada vale a pena” (crônica “Angústia”).

No exercício da crônica—esta “conversa fiada” com o leitor, como dizia Vinícius de Moraes—o prosador do cotidiano busca fundo na sua ima-

ginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino ou da véspera, em que possa com suas artimanhas injetar sangue novo. Na prosa do dia-a-dia, misto de jornalismo e Literatura, a busca do pitoresco permite ao cronista capturar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso ou da ironia estratégias para examinar determinadas contradições da sociedade. O humor possibilita a recuperação da capacidade crítica, enquanto o leitor se diverte.

Um certo olhar de Fátima Bettencourt, desde o título, nos dá a medida de um painel que se estrutura a partir de um ângulo, agudo: a cronista não é “mulher de medos” (“Navegador solitário”). A partir de um olhar crítico, vai pintando retratos e cenas com palavras, desvendando a gênese de sua coluna no jornal *A Semana (Rostos e palavras)* e do seu próprio texto literário:

o impulso que leva as coisas a se corporizarem em palavra escrita, quer se escrevam páginas imortais ou levíssimas crônicas. (...) E porque, afinal, são as palavras que se colocam, umas com as outras, as responsáveis por tudo, ela está no título genérico da coluna. É com elas que ganhamos o pão nosso de dia-sim-dia-não, com elas reclamamos porque não é de dia-sim-dia-sim, com elas vivemos, sofremos, lutamos, nos comunicamos, amamos, odiamos(...).

Quanto aos *rostos*, eu sei que o leitor está à espera de uma boa justificação, uma história bem contada, nada, suponho, como aquilo que tenho para dizer.

O rosto é tudo, são os seres humanos, os que conheço ou sei de ouvido ou imaginação, são os bons e os maus, os públicos e os anónimos, os transparentes e os ocultos, os da miséria e os da bonança, os da vingança e os do perdão, os da coragem e os do desânimo, os que vivem apenas nas lembranças e na saudade e os que, nebulosos, já caem no esquecimento. Quantos rostos guardamos numa vida em estranha e progressiva colecção? (...) colecções únicas, preciosas e, por vezes, muito perturbadoras” (“Angústia”, Grifos da autora).

De fatos e feitos da vida emocionalmente despertados pela concentração pode também surgir a crônica, deflagrando num instante uma visão da essência, revestida do cômico ou da tragicidade. Para Rubem Braga, como aqui, a verdade da crônica é o instante: os pequenos momentos permitem entrever a condição humana. É fundamental que o cronista se defina num tempo e num espaço, compondo uma cronologia esclarecedora da sua relação com os seres e objetos.

Além disto, a crônica precisa atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos, em virtude de sua economia estrutural, pelo limite de espaço que ocupa no periódico.

O trabalho de Fátima Bettencourt neste *Um certo olhar* marca, a par da busca constante do resgate da tradição (já evidenciada no seu conto premiado, “Vovô,” que dá início a *Semear em pó*), o tempo e o espaço social em que se insere. Observemos.

A coletânea de crônicas estrutura-se de forma circular, caminhando das “Origens” às raízes, em “Avô, tataravô e outros que não sei nomear”—a última crônica do livro citando a primeira. Nos dois textos a cronista reflete sobre questões de identidade e de assunção das raízes negras com humor cáustico, evidenciando aquele seu “olhar de um modo especial” para um quadro ou situação. Na crônica “Origens” reflete:

Temos, via de regra, orgulho excessivo na nossa costela lusitana, francesa, italiana, inglesa e outras. As restantes costelas, todas vindas directamente do Continente Africano, ficam numa nebulosa indefinida, confinada a uma silêncio total, ninguém delas toma conhecimento, o acordo é tácito, não há denúncias, pesquisas muito menos, e dos avós negros nem novas nem notícias. (...) Bem que podíamos assumir as duas raízes: a negra e a europeia. Mas não, ninguém procura, ninguém quer saber.

E acrescenta, na crônica “Avô, tataravô e outros que não sei nomear”:

Sempre admirei um escritor afro-americano que teve a coragem de partir em busca das suas raízes negras e onde todos esperavam um enorme insucesso, para espanto de todos, foi o contrário. O livro, intitulado RAÍZES, que descreve a homérica tarefa, imortalizou o autor e se transformou em estandarte dos negros de todo o mundo.(...) Nestas nossas ilhas achadas desertas e durante muitos anos interposto do comércio escravo, nas mãos de traficantes, negreiros e bandoleiros, proliferou uma mestiçagem desenfreada, mas registo que é bom, muito pouco. Se nem dos avós brancos damos conta certa, que será dos negros?

A crônica “Do Mindelo com amor” retrata as suas vivências crioulas, os sentimentos que a cidade, a ilha e sua gente despertaram na escritora, com a coloquialidade de uma conversa amável:

Mindelo vai a pouco e pouco tornando-se um estado de espírito. Baixa uma paz sobre mim quando piso este chão e ando pelas ruas, parando metro a metro, para um abraço, uma conversa amável, às vezes um alô apenas. É a *minha cidade* que

me abre os braços e o coração *e me sinto no colo mesmo da minha mãe*, acalentada e confortada, em perfeita comunhão com todos e comigo mesma.

Filha adotiva, é como se tivesse dado coices nas suas entranhas, tenho uma dívida impagável para com *esta cidade, esta ilha, estes montes pelados, esta gente indômita*.

Eu sei que ela está paradona, estagnada, morta, mas as suas tardes continuam cálidas, as suas noites plenas de magia, e aquele toque de *morabeza* permanece intacto nas suas gentes que, às vezes, se levantam sem saber se verão o sol baixar no *Monte Cara* antes de pôrem uma panela de-ribo-de-lume. *O cati-cati de cada dia*, sempre difícil, mas não a ponto de perderem o riso bom, *o requebro do andar, a piada inesperada, o dito picante, a graça infinita*. (...)

Bela amante adormecida(...) Quem semeará teus bairros de lares-oficinas, escolas-empresas e abrigará *teus velhos, teus loucos, teus meninos sózinhos, teus artistas, tuas prostitutas ainda com a boneca escondida no travesseiro?*” (Grifos nossos).

A cidade e os velhos, guardiães da cultura, resistem à globalização, a um tempo que insiste em desfigurar suas faces:

Uma zona histórica com seus sobrados, varandas de ferro, casinhas de meia-porta onde *velhas de cachimbo se sentam para contar estórias aos netos* impacientes na hora da televisão que os acaba levando, deixando a velha sozinha a derramar o seu olhar mortiço sobre as agressões que sofre a sua morada.(...) A cidade cresceu, vive apressada, não repara em nada, passa voando(...). (“A Cidade”)

Mas o trágico da cena, pela advertência crítica que dirige o olhar para a importância da manutenção da cultura, ainda permite esperança e a utopia:

não vou mais encolher-me para não roçar a mão estendida do mendigo; não vou evitar o boteco da esquina onde corpos gentis de adolescentes se leiloam; não vou enjoar-me com o cheiro de ‘erva’ que inunda um recanto mal iluminado; não vou ver as ruas ficando desertas, as pessoas com medo de passear na Marginal nas noites quentes, os velhos parados olhando o mar, os jovens à toa, de braços caídos, a desesperança e o tédio cercando a ilha. Af sim, vai ser bom pisar teu chão. (“Do Mindelo com amor”)

Os quadros pintados por Fátima Bettencourt, por “Atalhos, veredas, caminhos de cabra” (título de outra crônica), nos possibilitam, como disse José Saramago [*Caboverdiando*, crônica, *Jornal de Letras* 731 (14 de Outubro

de 1998): 28-29], “ver a terra e conhecer as pessoas, tremer de comoção real. Cabo Verde fabrica o seu próprio chão, inventa a sua própria água, repete dia a dia a criação do mundo./Porém, se uma simples pessoa não cabe numa crónica, como caberiam um povo e um país?”

Assim a *tenda* se tornou *casa*. E a casa caboverdiana ganhou mundo.

A lição de crónica que Fátima Bettencourt nos dá neste volume, o seu amor ao examinar o quotidiano caboverdiano e o “toque crioulo” certamente não cabem em nosso pequeno texto. Vão muito além, ao encontro do leitor, no espaço mágico da comunicação.

Simone Caputo Gomes é Professora Adjunta reformada na Universidade Fluminense no Brasil. É doutorada em Língua e Literatura Portuguesa. Publicou *Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe*, *Letras em Tese*, *África e Brasil: letras em laços*, e foi co-autora de um livro de poesia, *Como se fosse música*. E-mail: simonecg@ar.microlink.com.br ou simone@seleto.com